

Roteiro de estudo proposto por Silvio Seno Chibeni para o Encontro do IPEAK de abril de 2008.

Tema: “Espiritismo e religião”

“A causa primária do desenvolvimento da incredulidade reside, como muitas vezes dissemos, na insuficiência das crenças religiosas, em geral, para satisfazer a razão, e em seu princípio de imobilidade, que lhes proíbe de fazer qualquer concessão sobre seus dogmas, mesmo diante de evidências. Se, ao invés de ficarem para trás, tivessem acompanhado o movimento progressivo do espírito humano, mantendo-se sempre no nível da ciência, é certo que difeririam um pouco daquilo que foram no princípio (como um adulto difere da criança de berço), mas então a fé, ao invés de apagar-se, teria crescido com a razão, visto que constituiu uma necessidade para a Humanidade; não teriam aberto a porta para a incredulidade, que vem agora solapar o que delas restou; colhem o que semearam.”

Allan Kardec, “Uma profissão de fé materialista”, *Revue Spirite*, 1868, outubro, pp. 309-311.

* * *

Bibliografia básica:

1. **Refutation d’un article de *l’Univers*** - *Revue Spirite*, maio 1859, pp.129-138 e
2. **Le Spiritisme est-il une religion?** – *Revue Spirite*, dezembro 1868, pp. 353-362.

Estes dois textos trazem reflexões importantes para a compreensão da natureza do Espiritismo e para os rumos do movimento espírita.

Outras considerações sobre essa polêmica desencadeada pelo artigo de *l’Univers* estão em:

3. “Réponse à la réplique de M. l’abbé Chesnel, dans *l’Univers*” – *Revue*, julho de 1859, p. 91, e
4. Comentário final em um segundo artigo sobre outro caso que mereceu a atenção de Kardec, o do Sr. Deschanel, que no *Journal des Débats* acusou o Espiritismo de ser materialista – *Revue*, abril de 1861, p. 99 (ver março de 1861, pp. 65-75, para o artigo inicial sobre esse caso).

Esse material todo foi aproveitado por Kardec na composição de porções centrais do Diálogo com o Padre, no cap. 1 de *O que é o Espiritismo*. Esse diálogo deve ser relido, não apenas para notar-se como Kardec trabalhava, aproveitando materiais da *Revista*, mas também

porque a forma destilada da discussão contém nuances interessantes e aborda alguns pontos que não foram suscitados no diálogo com o padre real. (*Ver nota de rodapé n. 5, abaixo.*)

Todos esses textos estão disponíveis, no original francês, no site do Centre d'Études Spiritistes Léon Denis: <http://pagesperso-orange.fr/charles.kempf/>

Traduzi os trechos mais relevantes dos artigos 1, 3 e 4, transcrevendo-os abaixo.

Uma tradução completa (aparentemente de Salvador Gentile) do primeiro texto está disponível em: <http://www.universoespirita.org.br/alemao/REV1/RESPOSTA.htm> .

O segundo texto foi traduzido por Ismael Gomes Braga, e publicado no *Reformador*, em outubro de 1949 e março de 1976. Esta tradução de boa qualidade foi digitalizada e disponibilizada pelo Grupo de Estudos Espíritas da Unicamp:

<http://www.geocities.com/athens/academy/8482/reformador/textos/194910religiao.htm>

(Transcrevi, abaixo, alguns trechos importantes.)

O tema da religião espírita foi tratado em alguns de meus artigos (disponíveis no site do Grupo de Estudos Espíritas da Unicamp: <http://www.geocities.com/athens/academy/8482> :

- O Espiritismo em seu tríplice aspecto: científico, filosófico e religioso:

<http://www.geocities.com/athens/academy/8482/artigos/tripliceaspecto.htm>

- Questões sobre a natureza do Espiritismo. Parte III: A religião espírita:

<http://www.geocities.com/athens/academy/8482/artigos/quest/quest3.htm>

- A excelência metodológica do Espiritismo, seção 5:

<http://www.geocities.com/athens/academy/8482/exemet.html>

Sugiro ainda, como reflexão sobre problemas do movimento espírita parcialmente ligados ao assunto, o artigo recente “Campeonato da insensatez”, assinado por Vianna de Carvalho e outros Espíritos espíritas, publicado no *Reformador*, outubro de 2006, e disponível em:

<http://www.febnet.org.br/file/37/refout06.pdf>

Dos muitos textos filosóficos sobre a religião, um dos mais importantes é *The Natural History of Religion*, de David Hume, publicado em 1757. Há uma tradução recente para o português, da autoria de Jaimir Conte. Os dados dessa tradução, incluindo uma sinopse do livro

e a tábua dos capítulos, estão em: <http://www.cfh.ufsc.br/~conte/txt-hume-hnr.html> . Nessa página há um link para uma edição do original inglês. Outra edição, em diversos formatos digitais, pode ser encontrada em:

http://oll.libertyfund.org/index.php?option=com_staticxt&staticfile=show.php%3Ftitle=340&Itemid=28 . (No final, transcrevo alguns trechos sobre os quais gostaria de chamar especialmente a atenção.)

O tradutor Jaimir Conte oferece a seguinte sinopse do livro: “Neste livro, o filósofo escocês David Hume trata das origens e das causas que produzem o fenômeno da religião, dos seus efeitos sobre a vida e a conduta humanas e das variações cíclicas entre o politeísmo e o monoteísmo. Uma de suas preocupações é também chamar a atenção para os efeitos das diferentes espécies de religião sobre a tolerância e a moralidade. Hume desenvolve uma investigação sobre os princípios “naturais” que originam a crença religiosa, bem como um estudo antropológico e histórico sobre os efeitos sociais da religião.”

Na orelha, Conte explica, corretamente, que “O *natural* do título decorre da demanda por uma narrativa histórico-filosófica que não seja predeterminada pela idéia da existência de Deus, e sim decorrente de uma perspectiva segundo a qual a crença é entendida como produto da natureza humana.”

* * *

Seleção de trechos diretamente relevantes para o presente estudo

1. Tradução e notas de trechos do primeiro artigo da *Revue*, “Refutation d’un article de *l’Univers*” (maio 1859, pp.129-138):

Refutação de um artigo de *l’Univers*

Em seu número de 13 de abril passado, o jornal *l’Univers* traz um artigo do Sr. Abade Chesnel, em que a questão do Espiritismo é longamente discutida. Nós o teríamos deixado passar, como fizemos com tantos outros aos quais não ligamos nenhuma importância, se se tratasse de uma dessas diatribes grosseiras que provam, pelo menos, que seus autores ignoram da forma mais absoluta aquilo que atacam. Apraz-nos reconhecer que o artigo do Sr. Abade Chesnel é redigido em um espírito bem diferente. Pela moderação e educação de sua linguagem merece uma resposta, que se faz ainda mais necessária por conter um erro grave, capaz de dar uma idéia muito falsa, quer do Espiritismo em geral, quer, mais particularmente, do caráter e objetivo dos trabalhos da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos. Transcrevemos em seguida o artigo em sua íntegra.

“Todos conhecem o Espiritismo do Sr. Cousin, essa filosofia que pretende, suavemente, tomar o lugar da religião.¹ Temos hoje, sob o mesmo título,² um corpo de doutrinas reveladas,

¹ Victor Cousin, filósofo espiritualista francês. Em Cobra, R. Q., *FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA: Resumos Biográficos*, <http://www.cobra.pages.nom.br/fc-cousin.html>, afirma-se: “Filósofo, educador e historiador francês, Victor Cousin nasceu em Paris em 28 de novembro de 1792 e faleceu em Canes em 13 de janeiro de 1867. Seu ecletismo sistemático, - a combinação de muitas filosofias diferentes -, fez dele o mais bem conhecido pensador liberal de seu tempo. [...] Reintegrado em 1828 na *École Normale*, que fora reaberta em 1826, suas aulas de filosofia fizeram dele um escritor popular, sendo figura dominante na intelectualidade francesa pelos 20 anos seguintes. [...] Além das aulas, e de seus encargos oficiais, Cousin escreveu prolificamente. Cousin não desenvolveu um sistema filosófico próprio, mas ao contrário, construiu um sistema a partir da obra dos outros. Conseguiu, porém, mudar a ênfase da filosofia francesa do materialismo para o idealismo.” Para um artigo acadêmico sobre Cousin, ver “The ‘Two Cultures’ in Nineteenth-Century France: Victor Cousin and Auguste Comte”, de W. M. Simon, *Journal of the History of Ideas*, Vol. 26, No. 1. (Jan. - Mar., 1965), pp. 45-58. Disponível em: <http://links.jstor.org/sici?sici=0022-5037%28196501%2F03%2926%3A1%3C45%3AT%27CINF%3E2.0.CO%3B2-U> (requer-se autorização de

que aos poucos se vai completando, e um culto bem simples, é verdade, mas de maravilhosa eficácia, visto que colocaria os devotos em comunicação real, sensível e quase permanente com o mundo sobrenatural.

“Esse culto tem assembléias periódicas que se iniciam pela evocação de um santo canonizado. [...]

“Daí segue-se que o espiritualismo³ é uma religião, pois nos coloca em relação íntima com o infinito, e que absorve, por ampliação, o Cristianismo; que, de todas as formas religiosas presentes ou passadas, é – como facilmente se admite – a mais elevada, pura e perfeita. Ampliar o Cristianismo é, porém, tarefa difícil, que não se pode empreender sem derrubar as barreiras dentro das quais ele se encerrou. Os racionalistas não respeitam nenhuma barreira; os espiritualistas, sendo menos ardentes ou mais prudentes, só identificaram duas cujo arrasamento lhes parece indispensável: a autoridade da Igreja Católica e o dogma da eternidade das penas. [...]

“Como quer que seja, o espetáculo que nos apresentam hoje não passa de uma evolução do magnetismo, que se esforça para se tornar uma religião.

“Sob a forma dogmática e polêmica que a nova religião assumiu com o Sr. Jean Reynaud, ela incorreu na condenação do Concílio de Périgueux, cuja competência – todos se lembrarão – foi contestada de forma grave pelo culpado.⁴

acesso à base JSTOR). Há várias referências a Cousin na *Revue Spirite*: 1863, novembro, pp. 325, 332-334; 1868, junho, p. 189 e outubro, p. 309.

² Chesnel sistematicamente – e talvez intencionalmente – usa a palavra genérica ‘espiritualismo’ para se referir ao Espiritismo.

³ Ou seja, Espiritismo; ver nota precedente.

⁴ Há numerosas referências a Reynaud na *Revue*: 1859, fevereiro, p. 51; 1862, agosto, p. 239; 1863, agosto, pp. 229, 242, 255; 1864, julho, p. 222; 1869, dezembro, p. 375. O *Catalogue raisonné des Ouvrages pouvant servir à fonder une bibliothèque spirite*, elaborado por Kardec, contém referência a duas obras desse autor, seguidas de breves comentários, que atribuem a ele a condição de “um dos precursores mais imediatos do Espiritismo”, que teria “concebido a doutrina espírita por intuição”:

“**Reynaud** (Jean), membre de l’Institut. *Terre et Ciel*. – Edition in-12, 4 fr. (Epuisée). Edition in-8, 7 fr. ; franco, 7 fr. 50 c. Paris, Furne. Jean Reynaud a été l’un des précurseurs les plus immédiats du Spiritisme ;

“Sob a forma mística que assume hoje em Paris, ela merece ser estudada, ao menos como um sinal dos tempos em que vivemos. O espiritualismo já amealhou um certo número de homens, entre os quais vários são conhecidos por sua honorabilidade. Esse poder de sedução que ele exerce para progredir, de forma lenta porém contínua, constatado por testemunhas dignas de fé; as pretensões que apresenta; os problemas que suscita; o mal que pode fazer às almas – eis motivos bastantes para chamar a atenção dos católicos. Evitemos atribuir à nova seita mais importância do que realmente tem; mas para evitar o exagero, que tudo aumenta, não caiamos, por outro lado, na mania de tudo diminuir. [...]”

Abade François Chesnel.

comme tant d'autres écrivains, il a conçu la doctrine spirite par intuition. Son ouvrage, un des plus remarquables en ce genre, comme pensées et comme style, publié en 1854, l'a précédée de peu d'années ; s'il l'eût écrit comme spirite, il aurait eu peu de choses à modifier dans ses idées. Sa théorie du passé et de l'avenir de l'homme repose sur le principe de la réincarnation avec toutes ses conséquences morales. Le talent et la position de l'auteur donnent à ses paroles une incontestable autorité.

“– *Esprit de la Gaule*. – 1 vol. in-8, 6 fr. ; franco, 6 fr. 50 c. Détails authentiques sur les moeurs des Gaulois et les croyances druidiques. La philosophie des druides admettait le progrès indéfini par les existences successives et les épreuves de la vie. (*Revue spirite*, avril 1858, page 95.)”

Kardec faz uma breve referência no último número que editou da *Revue*, abril de 1869, ao plano de publicar esse *Catálogo*. Foi publicado depois da morte de Kardec, aparentemente como separata, pelos responsáveis pela Librairie Spirite. A 2ª edição, de agosto de 1869, está disponível em: <http://pagesperso-orange.fr/charles.kempf/Livres/catalogue.pdf>.

Como se vê nas passagens que indiquei da *Revue*, depois de desencarnar Reynaud se comunicou na *Société* e comenta que em vida efetivamente defendeu os pontos principais do Espiritismo, sem disso se dar conta. A comunicação dele foi aproveitada, como sabe, em *O Céu e o Inferno*, parte segunda, cap. II, como uma das comunicações de Espíritos felizes.

Algumas informações sobre Reynaud podem se encontradas em: Philo19, base de dados reunindo obras filosóficas em francês do século 19: <http://www.textesrares.com/philo19/>. Ali, a página sobre o autor começa com esta informação resumida: “*Polytechnicien. Dans le courant saint-simonien. Fondateur avec Pierre Leroux de L'Encyclopédie nouvelle, tente de réconcilier la science et la théologie. Auteur de Terre et Ciel (1854).*”

Sr. Abade,

O artigo sobre o Espiritismo que publicastes em *l'Univers* contém vários erros que importa retificar, e que provêm, sem nenhuma dúvida, de um estudo incompleto do assunto. Para refutá-los todos seria preciso retomar, desde os fundamentos, todos os pontos da teoria, bem como os que lhe servem de base. Não tenho nenhuma intenção de fazer isso aqui; limitar-me-ei aos pontos principais. [...]

Além disso, Sr. Abade, minha intenção aqui não é fazer um curso de Espiritismo, nem discutir se está ou não em erro. Bastaria, como disse antes, reportar-me aos inumeráveis fatos que citei na *Revue Spirite*, bem como às explicações dadas a eles em minhas diversas publicações. Chego, portanto, à parte de vosso artigo que me parece a mais séria.

Intitulais vosso artigo *Uma nova religião em Paris*. Supondo-se que tal fosse, de fato, o verdadeiro caráter do Espiritismo, já haveria aí um primeiro erro, visto que ele está longe de se circunscrever a Paris. [...] Depois, é ele uma religião? Fácil é demonstrar o contrário.

O Espiritismo funda-se na existência de um mundo invisível, formado por seres incorpóreos que povoam o espaço, e que nada são senão as almas dos que viveram na Terra ou em outros globos, nos quais deixaram seus envoltórios materiais. São esses os seres a que demos – ou melhor, que se deram a si próprios – o nome de *Espíritos*. Tais seres, que incessantemente nos circundam, exercem sobre os homens grande influência, sem que estes o percebam. Desempenham papel muito ativo no mundo moral e, até certo ponto, no mundo físico. O Espiritismo está, pois, na natureza, e num certo âmbito de idéias pode-se dizer que é uma força, assim como a eletricidade ou a gravitação universal o são em outro.

O Espiritismo revela-nos o mundo dos seres invisíveis, do mesmo modo que o microscópio nos revelou o dos seres infinitamente pequenos, de cuja existência não suspeitávamos. Os fenômenos de que esse mundo invisível constitui a origem devem, pois, ter-se produzido – e de fato se produziram – em todas as épocas; eis porque a história de todos os povos os menciona. Ocorre apenas que, em sua ignorância, os homens atribuíram tais fenômenos a causas mais ou menos hipotéticas, dando curso livre a sua imaginação, como fizeram com todos os fenômenos cuja natureza lhes era imperfeitamente conhecida. O Espiritismo, que passou a ser mais bem observado quando se disseminou, vem projetar luz

sobre uma multidão de questões até então insolúveis, ou mal resolvidas. Seu verdadeiro caráter é, pois, o de uma *ciência*,⁵ e não o de uma religião, como atesta o fato de que conta entre seus adeptos homens de todas as crenças e que, nem por isso, renunciam a suas convicções: católicos fervorosos, que não deixaram de praticar seu culto; protestantes de todas as seitas, israelitas, muçulmanos, e até mesmo budistas e bramanistas. Nele há de tudo, menos materialistas e ateus, pois suas idéias são incompatíveis com as *observações* espíritas. O Espiritismo repousa, portanto, sobre princípios gerais, independentes de toda questão dogmática. Tem, é verdade, como toda ciência filosófica, conseqüências morais. Essas conseqüências vão no sentido do Cristianismo, visto que, de todas as doutrinas, o Cristianismo é a mais esclarecida, a mais pura, sendo essa a razão pela qual os cristãos são, dentre os profíctos de seitas religiosas, os mais aptos a compreender a verdadeira essência do Espiritismo.⁶ Logo, o Espiritismo não é uma religião; se fosse, teria seu culto, seus templos e seus ministros. É claro que cada um pode, a partir de suas opiniões, fazer uma religião, ou

⁵ Pode não ser coincidência que, o assunto da natureza real do Espiritismo tendo vindo à tona a partir do artigo de Chesnel (abril de 1859), Kardec empenhou-se não apenas em oferecer esta réplica (maio), mas em compor um livro inteiro dedicado ao assunto – *O que é o Espiritismo?* (julho de 1959, segundo informação que consta na tradução da FEB) – livro este em que, como já notei, são aproveitados, para compor uma de suas principais partes, os pontos suscitados pelo debate. Essa hipótese é reforçada pelo fato de que já no Preâmbulo do livro Kardec oferece esta resposta direta e sublinhada à questão do título: “*O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os Espíritos; como filosofia, compreende todas as conseqüências morais que dimanam dessas mesmas relações.* Podemos defini-lo assim: **O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal.**”

⁶ A convergência da moral que decorre da ciência espírita com a moral cristã é tema recorrente nas obras de Kardec. Já na primeira edição do *Livro dos Espíritos*, no antepenúltimo parágrafo da Introdução, Kardec nota: “[...] é incontestável que no ensino dos espíritos superiores encontramos os preceitos de uma moral sublime que não é outra senão o desenvolvimento e a explicação da do Cristo, e cujo efeito deve ser o de tornar os homens melhores” (p. 27). Na segunda edição, definitiva, o ponto é exposto no item VI da Introdução. No corpo do livro, é explorado, por exemplo, nos itens 619, 623, 625, 627, 632 e 876. Finalmente, na Conclusão ocupa um item inteiro, o item VIII. Em *A Gênese*, é longamente discutido no importante cap. I, “Caráter da revelação espírita”; ver, por exemplo, os §§ 56 e 62. E há um livro só sobre isso, é claro, o *Evangelho segundo o Espiritismo*.

interpretar como queira as religiões conhecidas. Daí, porém, à constituição de uma nova Igreja há uma grande distância, e creio que seria imprudente lançar essa idéia. Resumindo, o Espiritismo ocupa-se da observação dos fatos, não das particularidades desta ou daquela crença; ocupa-se da pesquisa as causas e explicações que esses fatos podem oferecer aos fenômenos conhecidos, tanto de ordem moral como física. Ele não impõe um culto aos seus partidários, assim como a astronomia não impõe o culto dos astros, ou a pirotecnia o do fogo. E mais: do mesmo modo que o sabeísmo⁷ é a astronomia mal compreendida, o Espiritismo, mal compreendido, foi, na Antigüidade, a fonte do politeísmo. Hoje, graças às luzes do Cristianismo, podemos julgar tal assunto de maneira mais justa; ele nos adverte quanto a esses sistemas errôneos, que são fruto da ignorância. E a própria religião pode buscar no Espiritismo prova palpável de muitas verdades contestadas por certas pessoas. Eis porque, contrariamente ao que se dá com a maioria das ciências filosóficas, um de seus efeitos é o de reconduzir às idéias religiosas aqueles que se perderam em função de um ceticismo exagerado.⁸

⁷ Sabeísmo: seita judaico-cristã originária dos gnósticos e baseada na adoração dos astros.

⁸ Esse ponto crucial é retomado por Kardec em um dos textos mais precisos, e ao mesmo tempo eloqüentes, de *O Livro dos Espíritos*, o comentário no final dos itens 147 e 148, sobre o papel do Espiritismo na refutação do materialismo. Eis sua porção final: “Dizem que ninguém jamais voltou de lá [do além-túmulo] para nos dar informações. É erro dizê-lo e a missão do Espiritismo consiste precisamente em nos esclarecer acerca desse futuro, em fazer com que, até certo ponto, o toquemos com o dedo e o penetremos com o olhar, não mais pelo raciocínio somente, porém, pelos fatos. Graças às comunicações espíritas, não se trata mais de uma simples suposição, de uma probabilidade sobre a qual cada um conjecture à vontade, que os poetas embelezem com suas ficções, ou cumulem de enganadoras imagens alegóricas. É a realidade que nos aparece, pois que são os próprios seres de além-túmulo que nos vêm descrever a situação em que se acham, relatar o que fazem, facultando-nos assistir, por assim dizer, a todas as peripécias da nova vida que lá vivem e mostrando-nos, por esse meio, a sorte inevitável que nos está reservada, de acordo com os nossos méritos e deméritos. Haverá nisso alguma coisa de anti-religioso? Muito ao contrário, porquanto os incrédulos encontram aí a fé e os tíbios a renovação do fervor e da confiança. O Espiritismo é, pois, o mais potente auxiliar da religião. Se ele aí está, é porque Deus o permite e o permite para que as nossas vacilantes esperanças se revigorem e para que sejamos reconduzidos à senda do bem pela perspectiva do futuro.” (Ver também, a esse respeito, *RS*, fevereiro de 1862, pp. 34 ss: Réponse à l’adresse des Spirités Lionnays à l’occasion de la nouvelle année.)

A Sociedade de que falais define seu objetivo por seu próprio título: o nome *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas* de modo nenhum se assemelha ao de uma seita. Tão pouco caráter de seita tem ela, que o seu regulamento a proíbe de se ocupar de questões religiosas.⁹ Enquadra-se na categoria de sociedade científica, dado que, de fato, seu objetivo é estudar e aprofundar todos os fenômenos que resultam das relações entre o mundo visível e o invisível. Como toda sociedade, tem presidente, secretário e tesoureiro. Não convida o público para suas seções.¹⁰ Nelas não se faz nenhum discurso ou qualquer outra coisa que tenha caráter de culto. Conduz seus trabalhos com calma e recolhimento, porque, primeiro, isso é condição necessária para as observações e, depois, porque conhece o respeito que se deve aos que não mais vivem sobre a Terra. Chama-os em nome de Deus, pois acredita nele, em seu poder supremo, reconhecendo que nada se faz sem sua permissão. Abre suas sessões com um apelo geral aos Espíritos bons, porque, ciente de que há Espíritos bons e maus, cuida para que estes últimos não venham se imiscuir de maneira fraudulenta nas comunicações que recebe, induzindo ao erro. O que isso prova? Que não somos ateus. Mas isso não implica que sejamos religionários. A pessoa que vos contou o que se faz entre nós poderia se ter convencido acerca desse ponto, se tivesse seguido nossos trabalhos e sobretudo os tivesse julgado de forma menos leviana e, talvez, com espírito menos prevenido e apaixonado. Os fatos protestam, pois, contra a qualificação de *nova seita* que dais à Sociedade, por falta, sem dúvida, de um melhor conhecimento a seu respeito.

Concluí vosso artigo chamando a atenção dos católicos para o mal que o Espiritismo pode fazer às almas. Se as conseqüências do Espiritismo fossem a negação de Deus, da alma, de sua individualidade após a morte, do livre-arbítrio do homem, das penas e recompensas futuras, ele seria uma doutrina profundamente imoral. Mas, ao contrário, ele prova pelos fatos,

⁹ O Regulamento da Sociedade forma o cap. 30 do *Livro dos Médiuns*. O item referido por Kardec está no primeiro parágrafo: “1º — A Sociedade tem por objeto o estudo de todos os fenômenos relativos às manifestações espíritas e suas aplicações às ciências morais, físicas, históricas e psicológicas. São defesas nela as questões políticas, de controvérsia religiosa e de economia social.” (Tradução de Guillon Ribeiro.)

¹⁰ Ver o Regulamento, especialmente o parágrafo 17: “[...] As sessões serão particulares ou gerais; nunca serão públicas.” O Regulamento estipula regras estritas para a admissão ocasional de visitantes convidados.

e não pelo raciocínio, as bases fundamentais da religião, cujo inimigo mais perigoso é o materialismo. Faz mais: por suas conseqüências o Espiritismo ensina a suportar com resignação as misérias desta vida; acalma o desespero; ensina os homens a se amarem como irmãos, segundo os preceitos divinos de Jesus. Se soubésseis, como eu, quantos incrédulos empedernidos reconduziu à crença; quantas vítimas arrancou ao suicídio, pela perspectiva do destino reservado aos que abreviam a vida contra a vontade de Deus; quantos ódios aplacou e quantos inimigos reconciliou! É isso que chamais fazer mal às almas? Não, não podeis pensar assim, e quero crer que se conhecêsseis melhor o Espiritismo o julgaríeis de modo muito diverso. A religião, direis, pode fazer tudo isso. Longe de mim contestá-lo. Acreditais, porém, que teria sido melhor para aqueles que se mostraram rebeldes a ela permanecer na incredulidade absoluta? Se o Espiritismo triunfou nesses casos, se tornou claro a essas pessoas o que estava obscuro, se lhes tornou evidente o que era duvidoso, onde está o mal? Digo, de minha parte, que ao invés de perder suas almas, ele as salvou.

Recebei, etc.

Allan Kardec.

* * *

2. Tradução de trechos do segundo artigo da *Revue*, julho de 1859, p. 91: “Réponse à la réplique de M. l’abbé Chesnel, dans *l’Univers*”:

Resposta à réplica do Sr. Abade Chesnel em *l’Univers*

O jornal *l’Univers* publicou, em seu número de 28 de maio último, nossa réplica ao artigo do Sr. Abade Chesnel sobre o Espiritismo, trazendo em seguida uma tréplica. Este segundo artigo reproduz todos os argumentos do primeiro, salvo a urbanidade das formas [...]; não poderíamos respondê-lo senão repetindo o que já dissemos, coisa que nos parece completamente inútil. O Sr. Abade Chesnel esforça-se sempre para provar que o Espiritismo é, deve ser e não pode ser senão uma religião nova, porque dele decorre uma filosofia, e porque se ocupa da constituição física e moral dos mundos. Por tal critério, todas as filosofias seriam religiões. [...]

Como já disse, o Espiritismo é alheio a todas as crenças dogmáticas, das quais não se ocupa. Consideramo-lo tão-somente uma ciência filosófica que nos explica uma série de coisa que não compreendemos e que, por isso mesmo, em vez de abafar em nós as idéias religiosas, como certas filosofias, faz que brotem naqueles em quem não existem. Se quiserdes, porém, a todo custo elevá-lo à condição de uma religião, sereis vós próprio quem o poreis numa via nova. É o que compreendem perfeitamente bem certos eclesiásticos que, longe de forçar uma cisão, esforçam-se por conciliar as coisas, em virtude deste raciocínio: se as manifestações do mundo invisível ocorrem, não pode ser senão por vontade de Deus, não nos cabendo ir contra sua vontade; a menos que se diga que algo acontece no mundo sem sua permissão – o que seria uma impiedade. Se eu tivesse a honra de ser padre, usaria esse raciocínio em favor da religião, fazendo dele uma arma contra a incredulidade, e dizendo aos materialistas e ateus: Pedis provas? Aqui estão; é Deus que as envia.

* * *

3. Tradução de parte do comentário sobre o caso Chesnel, em artigo sobre o caso Deschanel, *Revue*, abril de 1861, p. 99:

Ainda uma palavra sobre o Sr. Deschanel

Quando o Sr. Abade Chesnel publicou em *l'Univers*, em 1858 [*sic*], seu artigo sobre o Espiritismo, forneceu da *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos* uma idéia igualmente falsa, apresentando-a como uma seita religiosa que tem culto e padres. Tal alegação desnaturava completamente seu objetivo e tendências, podendo enganar a opinião pública. Era tão mais errada pelo fato de que o regulamento da Sociedade a proíbe de se ocupar de questões religiosas; ora, não se conceberia uma sociedade religiosa que não pudesse tratar de religião.

4. Trechos do artigo “Le Spiritisme est-il une religion?” *Revue*, dezembro 1868, pp. 353-362. (Tradução de Ismael Gomes Braga, com alguns ajustes feitos por mim, SSC):

É o Espiritismo uma religião?

Assim, pela comunhão de pensamentos, os homens assistem-se mutuamente, e ao mesmo tempo auxiliam os Espíritos e são ajudados por eles. Portanto, as relações do mundo visível com o mundo invisível já não são individuais, são coletivas, e por isso mesmo mais poderosas em proveito das massas bem como para o dos indivíduos; em uma palavra, ela estabelece a solidariedade, que é a base da fraternidade. Cada um não trabalha somente para si, mas para todos, e, trabalhando para todos, cada um recebe seu quinhão; é isso que o egoísta não compreende .

[...]

Todas as reuniões religiosas, a qualquer culto que pertençam, são fundadas sobre a comunhão de pensamentos; e com efeito é nas reuniões religiosas que ela deve e pode exercer todo o seu poder, porque o alvo tem que ser o desprendimento do pensamento das estreitezas da matéria. Infelizmente, a maior parte delas se desviou desse princípio, quando fez da religião uma questão de forma. Disso resultou que cada um, fazendo consistir seu dever no cumprir as formas, crê-se quite com Deus e com os homens, quando haja praticado a fórmula. Resulta ainda que *cada um vai aos lugares de reuniões religiosas com um pensamento pessoal, de seu próprio interesse e o mais freqüentemente sem sentimento algum de fraternidade para com os outros assistentes; fica isolado no meio da multidão, e não pensa no céu senão para si mesmo.*

[...]

Dissemos que a verdadeira finalidade das assembleias religiosas deve ser a *comunhão de pensamentos*; é que de fato a palavra *religião* quer dizer *elo*; uma religião, em sua acepção ampla e verdadeira, é um elo que *religa* os homens em uma comunidade de sentimentos, de princípios e de crenças; mais tarde, esse nome foi dado a esses mesmos princípios codificados e formulados em dogmas ou artigos de fé.

[...]

O laço estabelecido por uma religião, seja qual for seu objetivo, é, portanto, um elo essencialmente moral que religa os corações, que identifica os pensamentos, as aspirações, e

não é somente o fato de compromissos materiais que se rompem à vontade, ou do cumprimento de fórmulas que falam mais aos olhos do que ao espírito. O efeito desse elo moral é estabelecer entre os que ele une, como consequência da comunidade de opiniões e de sentimentos, *a fraternidade e a solidariedade*, a indulgência e a benevolência mútuas. É nesse sentido que se diz também: a religião da amizade, a religião da família.

Se assim é, dirão, o Espiritismo então é uma religião? – Perfeitamente! sem dúvida; no sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião, e nós nos ufanamos disso, porque ele é a doutrina que funda os laços de fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre as mais sólidas bases: as próprias leis da Natureza.

Por que então declaramos que o Espiritismo não é uma religião? Porque só temos uma palavra para exprimir duas idéias diferentes e que, na opinião geral, a palavra *religião* é inseparável da idéia de culto; desperta exclusivamente uma idéia de forma, coisa que o Espiritismo não tem. Se o Espiritismo se dissesse uma religião, o público só veria nele uma nova edição, uma variante, se assim nos quisermos expressar, dos princípios absolutos em matéria de fé, uma casta sacerdotal com seu cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios; o público não o separaria das idéias de misticismo e dos abusos, contra os quais sua opinião tem-se elevado tantas vezes.

Não possuindo nenhum dos caracteres de uma religião, na acepção usual da palavra, o Espiritismo não poderia nem deveria ornar-se com um título sobre cujo valor inevitavelmente se estabeleceria a incompreensão; eis porque ele se diz simplesmente: doutrina filosófica e moral.

As reuniões espíritas podem, pois, realizar-se religiosamente, isto é, com o recolhimento e o respeito que comporta a natureza austera dos assuntos de que nelas se tratam; podem mesmo fazer-se, em ocasião oportuna, orações que, em vez de serem ditas em particular, são feitas em comum, sem serem por isso o que se entende por *assembléias religiosas*. Não se julgue que isto seja simples jogo de palavras; o matiz é perfeitamente claro, e a aparente confusão vem da falta de uma palavra para cada idéia.

[...]

Crer em um Deus todo poderoso, soberanamente justo e bom; crer na alma e na sua imortalidade; na preexistência da alma como justificativa da presente existência; na pluralidade das existências como meio de expiação, reparação e adiantamento intelectual e moral; na perfectibilidade dos seres mais imperfeitos; na felicidade crescente com a perfeição; na remuneração equitativa do bem e do mal, segundo o princípio: a cada um segundo suas obras; na igualdade da justiça para todos, sem exceções, favores nem privilégios para criatura alguma; na duração da expiação limitada à da imperfeição; no livre arbítrio do homem, deixando-lhe a escolha entre o bem e o mal; crer na continuidade das relações entre o mundo visível e o mundo invisível; na solidariedade que liga todos os entes passados, presentes e futuros, encarnados e desencarnados; considerar a vida terrestre como transitória e uma das fases da vida do Espírito, que é eterna; aceitar corajosamente as provas, visto ser o futuro mais desejável que o presente; praticar a caridade por pensamentos, palavras e obras, na mais ampla acepção do vocábulo; esforçar-se cada dia por ser melhor do que na véspera, extirpando da alma alguma imperfeição; submeter todas as suas crenças ao controle do livre exame e da razão, e nada aceitar por uma fé cega; respeitar todas as crenças sinceras, por mais irracionais que nos pareçam, e não violentar a consciência de ninguém; ver, enfim, nas descobertas da Ciência, a revelação das leis da Natureza, que são as leis de Deus: eis o *Credo, a religião do Espiritismo*, religião que pode conciliar-se com todos os cultos, isto é, com todas as maneiras de adorar a Deus. Esse é o laço que deve unir todos os espíritas numa santa comunhão de pensamentos, enquanto se espera que ele ligue todos os homens sob a bandeira da fraternidade universal.

* * *

5. Tradução de trechos do livro *La religion spirite: son dogme, sa morale et sa pratique*, da autoria de I. Bertrand (Paris, Librairie Bloud et Barral, 1898; disponível no site da BNF): *(Esses trechos mostram que o “erro grave” sobre o caráter do Espiritismo que Kardec tentou corrigir continuou sendo cometido no final do século, embora neste caso provavelmente por má-fé.)*

A religião espírita: Seu dogma, sua moral e suas práticas

Introdução:

Allan-Kardec, o patriarca do Espiritismo, não quis fazer, ou fez somente de passagem, um estudo científico das manifestações espíritas.

Seu objetivo, como confessou diversas vezes, foi o de fundar uma religião nova, chamada não a destruir, mas a explicar e completar a religião cristã.

Limitamo-nos, nesta brochura, a examinar, de forma tão breve quanto possível, o sistema religioso do novato e mostrar suas contradições, incoerências e perigos.

Tais contradições e incoerências, numerosas demais para que possamos apontá-las todas, dissimulam-se, ordinariamente, numa fraseologia na qual o verdadeiro e o falso se tocam, se confundem e se imbricam da maneira a mais insidiosa.

[...]

Cap. II. A religião espírita:

Em 1857, o Espiritismo deu nascimento a uma nova seita religiosa.

[...]

As obras que ele (Allan-Kardec) publicou sobre o Espiritismo se caracterizam por uma mistura, em doses desiguais, de devaneios místicos, de erros doutrinários emprestados à Reforma, e de idéias católicas.

Por longos anos, seu ideal religioso foi o da *unificação* das crenças.

O Espiritismo, de que ouviu falar pela primeira vez em 1854, pareceu-lhe ser o meio de atingir o objetivo que perseguia.

* * *

Seleção de trechos do livro *História Natural da Religião*, de David Hume:

(Transcritos da edição eletrônica usada na [The Online Library of Liberty](http://www.theonline-library.com).)

1. Seção VI: *Origem do teísmo a partir do politeísmo:*

“A little philosophy,” says my Lord Bacon, “makes men Atheists; a great deal reconciles them to religion.” For men, being taught by superstitious prejudices to lay the stress on a wrong place, when that fails them, and they discover, by a little reflexion, that this very regularity and uniformity is the strongest proof of design and of a supreme intelligence, they return to that belief which they had deserted; and they are now able to establish it on a firmer and more durable foundation.

2. Seção XI: *[Comparação dessas religiões] com respeito à razão ou ao absurdo:*

But where theism forms the fundamental principle of any popular religion, that tenet is so conformable to sound reason, that philosophy is apt to incorporate itself with such a system of theology. And if the other dogmas of that system be contained in a sacred book, such as the Alcoran, or be determined by any visible authority, like that of the Roman pontif, speculative reasoners naturally carry on their assent, and embrace a theory which has been instilled into them by their earliest education, and which also possesses some degree of consistence and uniformity. But as these appearances are sure, all of them, to prove deceitful, philosophy will soon find herself very unequally yoked with her new associate; and instead of regulating each principle, as they advance together, she is at every turn perverted to serve the purposes of superstition. For besides the unavoidable incoherences which must be reconciled and adjusted, one may safely affirm that all popular theology, especially the scholastic, has a kind of appetite for absurdity and contradiction. If that theology went not beyond reason and common sense, her doctrines would appear too easy and familiar. Amazement must of necessity be raised; mystery affected; darkness and obscurity sought after; and a foundation of merit afforded the devout votaries, who desire an opportunity of subduing their rebellious reason, by the belief of the most unintelligible sophisms.

Ecclesiastical history sufficiently confirms these reflexions. When a controversy is started, some people pretend always with certainty to foretell the issue. Whichever opinion, say they, is most contrary to plain sense is sure to prevail, even where the general interest of the system requires not that decision. Though the reproach of heresy may for some time be bandied about among the disputants, it always rests at last on the side of reason. Any one, it is pretended, that has but learning enough of this kind to know the definition of Arian, Pelagian, Erastian, Socinian, Sabellian, Eutychian, Nestorian, Monothelite, etc., not to mention Protestant, whose fate is yet uncertain, will be convinced of the truth of this observation. It is thus a system becomes more absurd in the end, merely from its being reasonable and philosophical in the beginning.

To oppose the torrent of scholastic religion by such feeble maxims as these: that “it is impossible for the same to be and not to be”, that “the whole is greater than a part”, that “two and three make five”, is pretending to stop the ocean with a bull-rush. Will you set up profane reason against sacred mystery? No punishment is great enough for your impiety. And the same fires which were kindled for heretics will serve also for the destruction of philosophers.

3. *Seção XIII: Concepções ímpias da natureza divina em ambos os tipos de religião:*

Lucian¹ observes that a young man who reads the history of the gods in Homer or Hesiod, and finds their factions, wars, injustice, incest, adultery, and other immoralities so highly celebrated, is much surprised afterwards, when he comes into the world, to observe that punishments are by law inflicted on the same actions which he had been taught to ascribe to superior beings. The contradiction is still perhaps stronger between the representations given us by some later religions and our natural ideas of generosity, lenity, impartiality, and justice; and in proportion to the multiplied terrors of these religions, the barbarous conceptions of the divinity are multiplied upon us.² Nothing can preserve untainted the genuine principles of morals in our judgment of human conduct but the absolute necessity of these principles to the existence of society. If common conception can indulge princes in a system of ethics somewhat different from that which should regulate private persons, how much more those superior beings whose attributes, views, and nature are so totally unknown to us? *Sunt superis sua jura.*³ The gods have maxims of justice peculiar to themselves.

4. *Seção XIV: Má influência das religiões populares sobre a moral:*

Nay, if we should suppose, what seldom happens, that a popular religion were found, in which it was expressly declared that nothing but morality could gain the divine favor; if an order of priests were instituted to inculcate this opinion in daily sermons and with all the arts of persuasion; yet so inveterate are the people’s prejudices, that, for want of some other superstition, they would make the very attendance on these sermons the essentials of religion, rather than place them in virtue and good morals. [...]

For there is no *man* so stupid, as that, judging by his natural reason, he would not esteem virtue and honesty the most valuable qualities which any person could possess. Why not ascribe the same sentiment to his deity? Why not make all religion, or the chief part of it, to consist in these attainments? [...]

Perhaps the following account may be received as a true solution of the difficulty. The duties which a man performs as a friend or parent seem merely owing to his benefactor or children; nor can he be wanting to these duties without breaking through all the ties of nature and morality. A strong inclination may prompt him to the performance. A sentiment of order and moral beauty joins its force to these natural ties; and the whole man, if truly virtuous, is drawn to his duty without any effort or endeavour. Even with regard to the virtues which are more austere, and more founded on reflection, such as public spirit, filial duty, temperance, or

integrity, the moral obligation, in our apprehension, removes all pretence to religious merit; and the virtuous conduct is deemed no more than what we owe to society and to ourselves. In all this a superstitious man finds nothing which he has properly performed for the sake of his deity, or which can peculiarly recommend him to the divine favor and protection. He considers not that the most genuine method of serving the divinity is by promoting the happiness of his creatures. He still looks out for some more immediate service of the supreme being, in order to allay those terrors with which he is haunted. And any practice recommended to him which either serves to no purpose in life, or offers the strongest violence to his natural inclinations, that practice he will the more readily embrace, on account of those very circumstances which should make him absolutely reject it. It seems the more purely religious because it proceeds from no mixture of any other motive or consideration. And if, for its sake, he sacrifices much of his ease and quiet, his claim of merit appears still to rise upon him in proportion to the zeal and devotion which he discovers. In restoring a loan or paying a debt his divinity is nowise beholden to him; because these acts of justice are what he was bound to perform, and what many would have performed were there no God in the universe. But if he fast a day, or give himself a sound whipping, this has a direct reference, in his opinion, to the service of God. No other motive could engage him to such austerities. By these distinguished marks of devotion he has now acquired the divine favor; and may expect, in recompense, protection and safety in this world and eternal happiness in the next. [...]

To which we may add that, even after the commission of crimes, there arise remorse and secret horrors, which give no rest to the mind, but make it have recourse to religious rites and ceremonies, as expiations of its offences. Whatever weakens or disorders the internal frame promotes the interests of superstition; and nothing is more destructive to them than a manly steady virtue, which either preserves us from disastrous, melancholy accidents, or teaches us to bear them. During such calm sunshine of the mind, these spectres of false divinity never make their appearance. On the other hand, while we abandon ourselves to the natural undisciplined suggestions of our timid and anxious hearts, every kind of barbarity is ascribed to the supreme Being, from the terrors with which we are agitated; and every kind of caprice, from the methods which we embrace in order to appease him. Barbarity, caprice; these qualities, however nominally disguised, we may universally observe, form the ruling character of the deity in popular religions. Even priests, instead of correcting these depraved ideas of mankind, have often been found ready to foster and encourage them. The more tremendous the divinity is represented, the more tame and submissive do men become to his ministers; and the more unaccountable the measures of acceptance required by him, the more necessary does it become to abandon our natural reason, and yield to their ghostly guidance and direction. Thus it may be allowed that the artifices of men aggravate our natural infirmities and follies of this kind, but never originally beget them. Their root strikes deeper into the mind, and springs from the essential and universal properties of human nature.

5. Seção XV: Corolário geral:

The universal propensity to believe in invisible, intelligent power, if not an original instinct, being at least a general attendant of human nature, may be considered as a kind of mark or

stamp, which the divine workman has set upon his work; and nothing surely can more dignify mankind than to be thus selected from all the other parts of the creation, and to bear the image or impression of the universal Creator. But consult this image, as it appears in the popular religions of the world. How is the deity disfigured in our representations of him! What caprice, absurdity, and immorality are attributed to him! How much is he degraded even below the character which we should naturally, in common life, ascribe to a man of sense and virtue!

What a noble privilege is it of human reason to attain the knowledge of the supreme Being; and, from the visible works of nature, be enabled to infer so sublime a principle as its supreme Creator? But turn the reverse of the medal. Survey most nations and most ages. Examine the religious principles which have, in fact, prevailed in the world. You will scarcely be persuaded that they are other than sick men's dreams; or perhaps will regard them more as the playsome whimsies of monkeys in human shape than the serious, positive, dogmatical asseverations of a being who dignifies himself with the name of rational.

Hear the verbal protestations of all men. Nothing they are so certain of as their religious tenets. Examine their lives. You will scarcely think that they repose the smallest confidence in them.

[...]

No theological absurdities so glaring as have not, sometimes, been embraced by men of the greatest and most cultivated understanding. No religious precepts so rigorous as have not been adopted by the most voluptuous and most abandoned of men.

[...]

What so pure as some of the morals included in some theological systems? What so corrupt as some of the practices to which these systems give rise?

[...]

The whole is a riddle, an enigma, an inexplicable mystery. Doubt, uncertainty, suspense of judgment, appear the only result of our most accurate scrutiny concerning this subject. But such is the frailty of human reason, and such the irresistible contagion of opinion, that even this deliberate doubt could scarcely be upheld, did we not enlarge our view, and, opposing one species of superstition to another, set them a quarrelling; while we ourselves, during their fury and contention, happily make our escape into the calm, though obscure, regions of philosophy.